O PAPEL DOS AVÓS NO SÉCULO XXI

João Gomes-Pedro

«Avu», não há lua! «Avu», há há!

O meu neto Tomás adora a lua.

O Tomás é uma criança com imensa sorte; tem uma mãe que lhe fala da lua e lhe canta a lua desde quase que nasceu e tem um pai que lhe mostra a lua.

Entre amigos terei a coragem de dizer que ele também tem sorte em ter um avô que brinca à lua com ele.

O *«Avu»* sou eu. Quando começou a nomear as pessoas pelos nomes, ou melhor, pelos laços, o «avu» referido a mim mereceu tal aplauso e gratificação que, obviamente, passou a ser a expressão personalizada.

«Avu, não há lua - há, há!» não foi mais que uma variante do jogo do *«cucu»* recriado espontaneamente pelo Tomás quando numa noite de Agosto perscrutava o céu à procura da lua. A lua estava cheia e havia algumas nuvens no céu que avançavam lestas em direcção ao sul sopradas pela nortada estival. Quando cobriam a lua por instantes as mãos expressivas do Tomás e os olhos surpresos virados para mim cobriam de sentido as palavras: *«Avu, não há lua!»*

Quando a nuvem passava, toda a cara era um sorriso explodindo na exclamação *«Há, há»* e as mãos, agarradas ao meu pescoço, convidavam-me a partilhar no jogo, na alegria, na magia.

No desafio que me fizeram de construir uma reflexão sobre o papel dos avós num contexto de desenvolvimento e, porventura, de futuro, apetece-me, tão só, exprimir mais um sentimento do que um juízo de valor, traduzindo o direito em atributo da vida que Deus nos deu e que os homens têm de respeitar.

O direito de ser avô implica-se com o direito a brincar que é um direito à vida e é, por sua vez, essencialmente, um desafio ao desenvolvimento humano.

Vou prolongar um pouco mais o intróito da minha reflexão de hoje.

O que o Tomás, com 18 meses, fez com a lua e comigo, foi brincar. Brincar à lua como eu lhe chamo; brincar ao cucu, se quiserem, ao cucu da lua. O Tomás não lhe chama nada nem sabe até que aquilo que aconteceu, à beira da lagoa, ao meu colo, numa noite de luar, se chama brincar.

E será, porventura, brincar? O que fizemos terá sido um jogo?

Ao Tomás não interessa o nome, nem a classificação do que faz. Ter-lhe-á interessado tão só que lhe deu prazer aquilo que fizemos.

Perguntar-se-á ainda – porque é que dá tanto prazer ao Tomás este jogo tantas vezes repetido, igual ao prazer que todos os bebés sentem quando brincam ao cucu com alguém especialmente significativo?

Será, em primeiro lugar, porque é uma actividade interactiva com alguém especialmente significativo?

Será que é o facto do brincar dos avós promover e envolver «magia», expressa no algo que se esconde e volta a aparecer para depois se esconder outra vez, como uma lua num céu enevoado?

Ou será tão só que todas as elaborações intelectuais que envolvem a educação em função dum modelo relacional se explicam na expressão dum vínculo especial activado por um jogo de cucu?

No caso da lua, o Tomás não fazia, por ele próprio, aparecer ou desaparecer a lua mas assimilou a magia da nuvem como sua e, neste modelo, tornou seu o encanto e, mais ainda, quis fazer partilhar esse encanto com mais alguém especial – eu próprio.

Bernice Weissbourd, Professora em Chicago - Illinois, também ela uma avó, escreveu algo de fundamental para a nossa reflexão educacional sobre Avós. Diz Bernice que a relação entre avós e netos é, provavelmente, a única relação não ambivalente que existe no mundo. [1]

Esta relação «especial» provém da natureza dos vínculos entre avô e neto.

Bernice diz ainda outra verdade não menos significativa: *«A minha preocupação e ansiedade quando mãe ia sempre no sentido de entender que os comportamentos do meu filho que eu considerava, às vezes, desviantes, poderiam, de algum modo reflectir a minha incompetência como mãe; como avós nós não nos julgamos e não somos julgados. Os nossos laços com os nossos netos estão livres dessa carga emocional».*

As crianças referem, às vezes, o especial das suas relações com os avós. Algumas crianças sentem alguma tensão nas suas relações com os pais porque se sentem pressionadas em adequar os seus desempenhos às expectativas parentais, por vezes demasiado exigentes.

Com os avós eles estão livres daquela pressão e sabem que é aceite o que fazem, fiavelmente, inequivocamente.

«O meu avô faz-me sentir que sou bom», ouvi no outro dia a um neto de alguém, no meu consultório.

O vínculo entre avós e netos é o do amor presente, incondicional que flui como a água da montanha – transparente, infinita.

O que eu senti quando a minha avó morreu foi precisamente isto: deixei de ter alguém que estava presente, sempre presente, para mim…

É claro que o estatuto de avó e de avô mudou.

A minha avó era uma senhora de cabelos brancos e de carrapito que estava em casa quando eu saia para a escola e que reencontrava no mesmo sítio, disponível, quando voltava.

Tudo mudou.

As avós de hoje têm o cabelo louro sem uma branca (às vezes é azulado…), trabalham em *full-time*, assumem múltiplas actividades e responsabilidades e são hoje, não raras vezes, avós dos netos biológicos e dos outros que vivem juntos, por acréscimo.

Há pois múltiplas variáveis envolventes e seriam precisas umas horas para abordar com algum rigor antropológico, sociológico, psicológico, médico e, sobretudo, educacional, esta temática.

Optei por a abordar de um modo clínico e vivencial.

Claro que fui à procura da evidência científica…

Consultei toda a literatura científica que pude encontrar sobre Avós para fundamentar a reflexão que me foi pedida sobre esta matéria.

Três evidências pude constatar.

A primeira é que é parca a substância científica escrita.

A segunda é que é fundamentalmente construtivista e, por acréscimo, lacunar em termos quer educacionais quer clínicos.

A terceira é que é aborrecida e por vezes monótona.

Ser avô ou avó é ser qualquer coisa que dá gozo em função duma relação com um neto ou com uma neta.

Quem chama avô ou avó não são os outros avós ou os filhos dos avós, pais de quem é neto ou neta.

Quem chama avô ou avó é alguém pequenino a quem dá prazer chamar avô ou avó na oportunidade de uma qualquer festa e o jogo então é redobrado quando quem faz anos é a bisavó.

Será oportuno transcrever o lindo poema de Afonso Duarte:

«Isso é que era alegria:
Ter avós e pais vivos
E a pensá-los eternos
No nosso amor de criança,
Isso é que era alegria!

Isso era a Eternidade;
Agora a noite e o dia,
O tempo! Ah, o tempo
Que não adianta a morte
Nem o atrasa a idade.

Não vislumbro nesse alguém pequenino que chama avô ou avó qualquer implicação social, porventura normativa em função de uma qualquer regra que os pais tenham ensinado ou integrado no seu jogo educacional.

Ser avô ou avó é uma conquista partilhada.

A leitura, interpretada, desta conquista, não existe descrita.

Não o poderia ser, de facto, porque desconhecida.

O significado do ser avô ou avó é a interpretação que o neto ou neta têm dos seus avós. A representação é a da relação, a do jogo jogado, a das descobertas secretas, a dos passeios cúmplices, a das partidas partilhadas, a das histórias fantásticas, a das coisas aprendidas, a das guloseimas escondidas, a das brincadeiras inventadas.

Ninguém sabe o que a criança sabe ou sente.

Por isso, ninguém sabe o que é sentir o avô ou a avó.

Claro que temos a outra face do sentir que é o que avós dizem, contam, respondem.

Está tudo ou quase tudo descrito no que os avós reportam – os seus sentimentos actuais, as suas expectativas, as suas experiências, os seus recados. Às vezes, vêm anexas as suas lembranças de netos relativas aos seus próprios avós e, com elas, as instruções transgeracionais designadamente sobre o modo de dar banho ao bebé.

Porém, o jogo da renovação na nossa arquitectura cerebral não nos permite reter as recordações que julgo deveriam ser as mais fantásticas da vida – as que teríamos dos nossos avós quando fomos bebés.

Há um véu escuro que as encobre.

Quando porém conseguimos poder revisitar as primeiras que não se perderam (porventura as dos dois, três anos), logo constatamos que parte dessas lembranças são feitas de histórias repetidamente contadas, de fantasias recriadas, e, às vezes também, de expectativas frustadas.

É uma relíquia científica a história memorial narrada pelo próprio Piaget.

Ele recordava assim uma história vivida quando ele tinha dois anos.

Eu estava no meu carrinho que a minha ama empurrava nos Champs Elysés quando um homem me tentou raptar.

Eu estava seguro pelo cinto do meu carrinho e via a minha ama tentando corajosamente interpor-se entre mim e o assaltante.

Ela ficou cheia de arranhões e nódoas negras que eu ainda sou capaz de visualizar sobretudo as marcas na cara dela. [2]

Treze anos depois deste episódio, quando Piaget tinha, portanto, quinze anos, a ama entrou num convento.

Foi então que ela escreveu para os pais de Piaget, devolvendo um relógio que eles lhe tinham oferecido em reconhecimento da sua coragem ao proteger tão abnegadamente o pequeno Jean do assaltante.

O insólito, porém, aconteceu.

A ama, no seu novo ambiente conventual, remexendo os seus remorsos, confessou então que a história tinha sido toda inventada e que chegou mesmo a provocar marcas na sua própria cara para tornar mais sensível a simulação.

Piaget nos seus escritos conta que, provavelmente, terá construído a memória visual através de uma história sensível, repetidamente contada pelos seus avós.

No nosso conceito de desenvolvimento humano que se identifica com uma progressão de sucessivas desorganizações intercaladas de reorganizações correspondentes – chamamos a este modelo «touchpoints» – passar a ser avô ou avó é, precisamente, um dos «touchpoints» mais significativos do ciclo da vida humana.

O avô ou a avó assimilam, ao sê-lo, o sentido da sua eternidade. Eles identificam a continuidade transgeracional com a sua própria transcendência de imortalidade. Neste contexto eles dão sentido ao valor do infinito que existe em cada família!

Nesta transcendência eles passam a ver os seus próprios filhos – os seus meninos – a desempenhar um outro papel e assumem, então, que os seus meninos ou as suas meninas passaram a ser pais, com os seus próprios meninos ou meninas.

A necessidade instintiva do vínculo que cruza e determina a sobrevivência da maioria das espécies animais passa a ter, na espécie humana, um novo «touchpoint» que é o dos netos, meninos dos que já foram meninos, perpetuarem o que eles, avós, assumem como core vital de uma sobrevivência moral.

Tal como Erikson sustenta, os avós passam a identificar os sucessos dos seus netos como consequências das suas boas técnicas parentais ou dos seus desempenhos educacionais. Paralelamente assumem como sua responsabilidade alguns dos insucessos encontrando nesta constatação razões para o seu papel, designadamente o de eternizar o seu potencial de influência e a sua responsabilidade interventiva.

A intervenção dos avós pressupõe uma fonte inesgotável de auto-estima. Cada neto assegura a resiliência de cada avô, porquanto é lugar comum os avós transformarem em orgulho – difusamente narrado entre os seus pares – as competências, os desempenhos e até algumas parecenças dos seus descendentes mais novos.

Esta auto-estima projectada é, por outro lado, nos avós, uma extensão do seu próprio sentido de coerência em se saberem influentes no seu papel de reservatório cultural, transmissores de uma herança que eles próprios edificaram e de que se sentem guardiões.

Erikson escreve que os avós, com a chegada dos netos, *auto-graduam-se na venerabilidade.*

Nesta reconstrução da sua auto-imagem, os avós, na oportunidade deste novo «touchpoint» da sua vida, projectam as suas próprias competências numa

continuidade valorativa, (tanto directa como indirecta) a qual é mediada pelos seus filhos agora pais dos seus netos. *O Tomás é espertíssimo como o pai; O Gonçalo é um perfeccionista como o avô; A Joana é teimozinha como a avó.*

Vários autores têm sustentado, por sua vez, que os netos previnem a fantasia que os avós criam expressa no seu sentimento de eliminados do seu mundo contemporâneo, o que é sabido ser um risco associado às reformas e às consequentes retiradas das responsabilidades profissionais e sociais.

A problemática da resiliência nos avós é um *must* da psicosociologia do nosso tempo que deve justificar uma investigação exaustiva incluindo necessariamente a criança, neto ou neta das famílias de hoje.

Para a criança, para o bebé, o avô ou a avó são o reservatório permanente da confiança que ajuda à construção do seu sentido de pertença, valor hoje assumido como prioritário no desenvolvimento moral, designadamente central na construção do sentido de família.

Mas o que é este estranho amor – como o meu amigo Daniel Sampaio lhe chama – que os netos sentem pelos avós?

Não sabemos, de facto, o que as crianças sentem. Fantasiamos, tão só, constructos desse amor a partir de emoções que visualizamos constantemente, sempre que prestamos atenção a essa estranha relação que alguns atribuem à serenidade dos afectos quando eles fluem sem outras implicações, nomeadamente responsabilidades e obrigações educacionais de que a disciplina é paradigma.

O afecto em cada criança cumpre-se no paralelo da satisfação das suas expectativas.

A expectativa de cada criança é a de descobrir, aprender e gostar.

O desenvolvimento da criança é potenciado pelo modo como ela gosta de viver na proporção do modo como ela se sente gostada.

Durante cerca de vinte anos estivemos envolvidos em vários projectos de investigação centrados na preocupação clínica de favorecer o desenvolvimento da criança através de uma intervenção mediada.

Depois de Mary Sheridan, Brazelton e Bronfenbrenner aguçavam a nossa inquietitude.

Na base da nossa filosofia de intervenção estava, pressuposto, o objectivo de intervir a favor de uma potenciação de desempenhos infantis, nomeadamente cognitivos, simultaneamente ao de procurar reduzir riscos comportamentais e de promover mais resiliência, tanto individual como familiar.

Três fundamentações existiam no nosso espírito à semelhança de muitos outros autores que nas duas últimas décadas publicaram os seus resultados sobre Intervenção Precoce.

A primeira, correspondia ao pressuposto de que o desenvolvimento infantil é um processo dinâmico e complexo determinado por múltiplos factores que fazem parte do ecossistema de cada criança.

A segunda baseava-se na evidência resultante de muitos estudos experimentais em neurociência, demonstrativos de que a experiência precoce tem efeitos directos no desenvolvimento cerebral, nomeadamente ao nível da multiplicação neuronial e dendrítica.

A terceira fundamentação apoiava-se nos constructos da vinculação nomeadamente no pressuposto transaccional de que as primeiras experiências interpessoais influenciam os processos de auto-estima e de construção do sentido de coerência de cada criança e de cada família.

No mesmo contexto de outros estudos similares em que os factores distintivos foram a metodologia da intervenção e o modo de seguimento, planeámos um projecto de intervenção precoce baseado na hipótese de que uma actuação ao nível da percepção materna sobre as competências dos bebés induziria vantagens nas aquisições potenciais de cada criança.

Neste constructo, este nosso estudo pretendeu demonstrar a que níveis e até que distância da intervenção praticada era possível constatar a presença e efeitos no desenvolvimento infantil a partir de uma motivação parental desencadeada no período sensível da maternidade, precisamente na fase pós-natal mais imediata.

Na filosofia subjacente ao planeamento do estudo, havia, assim, como que pressuposto um círculo de sucessivos desenvolvimentos de causa-efeito tendo como determinante central a hipótese de que a promoção de um melhor conhecimento sobre as competências e comportamentos infantis implicaria uma transformação das atitudes parentais, transformação esta que iria influenciar, por sua vez, os desempenhos cognitivos e sócio-emocionais dos bebés daquelas famílias.

No nosso estudo, foi notória a influência dos avós na educação das crianças pertencentes aos nossos grupos de estudo.

A última década, porém, foi palco de uma enorme controvérsia sobre os constructos determinantes dos estudos de intervenção precoce, por via dos resultados díspares encontrados e, também, da constatação das dificuldades em interpretar resultados obtidos em estudos metodologicamente distintos, para além da sua transculturidade.

Existem, no entanto, razões hoje bem fundamentadas para crer que tanto o mito determinista fundamentado nas virtudes da experiência precoce como a tese que concentra a influência no desenvolvimento em factores sociais e emocionais que decorrem ao longo da vida, são explicações credíveis que, sobretudo, orientaram e orientam actualmente o nosso juízo para uma terceira via do entendimento do porvir baseada no modo como cada criança vai interpretando os acontecimentos da sua vida nomeada e principalmente os de ordem afectiva.

A interpretação que cada criança faz do papel dos seus avós é bem conhecida, nomeadamente através dos desenhos que os netos fazem…

A criança interpreta, provavelmente, a relação com os avós como a de um estranho amor …

Será porventura esta relação especial que faz crer a muitos que são os avós que nos fazem humanos.

Creio que tudo isso passa pelo sentido de coerência da vida que os avós proporcionam a cada um de nós, sobretudo aos mais pequeninos.

Os modos de regulação familiar, fundamentais ao processo educativo pressupõem, à luz do conhecimento actual, um papel activo da criança nas diferentes etapas e dimensões do seu processo de socialização.

No conceito de Bronfenbrenner [3], os sistemas socializadores das crianças – microsistema, mesosistema e macrosistema – influenciam-se mutuamente e este é um dos pólos inspiradores mais significativo da nossa intervenção educacional.

É neste contexto extremamente significativa a interferência do papel dos avós na modelação do que a criança adquire ou assimila através dos elementos mesosistémicos de que são exemplos paradigmáticos a escola e a televisão.

Os avós ajudam a criança a construir ideias e parece-me certa a este propósito, a velha ideia de John Locke [4] de que *o homem começa a ter ideias quando tem, pela primeira vez, uma sensação.*

O modelo que entendemos ser capaz de explicar, do melhor modo, as relações intergeracionais é o modelo relacional, naturalmente completado por uma perspectiva estruturalista, capaz de equacionar os fenómenos sociais que influenciam as dinâmicas intra-familiares, nomeadamente quando estão em presença três ou mais gerações.

A consciência intergeracional, com o prolongamento da esperança de vida, determina, dia-a-dia, novas adaptações culturais.

O aumento da esperança média de vida, o aumento da disfunção familiar, a banalização da coabitação sem casamento formal, o acréscimo exponencial das experiências L.A.T. («living apart together») e o crescente número de famílias monoparentais, modificaram, significativamente, os velhos conceitos baseados na alternativa de família alargada *versus* família nuclear.

Dois outros fenómenos que classificarei de natureza cultural, influenciam as relações avós-netos, na nossa sociedade actual.

Um deles identifica-se com a diminuição da natalidade com a consequente redução do número de netos, o que tem proporcionado a concentração dos afectos, do lado dos avós.

O outro fenómeno, porventura ainda não satisfatório relativamente às nossas expectativas, tem a ver com a evolução do conceito de velhice.

Lembro-me, em criança, de ler como facto noticioso a referência a um sexagenário atropelado na Estrada de Benfica.

Hoje, um sexagenário da mesma idade exerce funções de chefia responsável através de períodos de trabalho seguido de 8, 10, 12 horas e, às vezes, mais, joga ténis de competição, faz conferências em várias Universidades ou Fóruns culturais

e, por via de tudo isto, prolonga como avô o estatuto de pai ausente exercido trinta anos atrás.

As circunstâncias sociais e culturais tipificam o que alguns autores equacionam como modelos de avós.

É, sobretudo, a natureza do vínculo que hoje faz definir, de um modo geral, quatro tipos distintos de avós.

Representam estes modos os vários modelos de «avósar» que é o meu atributo designativo à forma de se ser avô ou avó.

O primeiro tipo de avós tem uma relação denominada como remota.

Estes avós vêem os seus netos poucas vezes e têm pouca influência nas suas vidas em geral.

Nem sempre, porém, a distância explica esta circunstância. Há muitos avós que vivem perto dos seus netos e, nem por isso, estão emocionalmente envolvidos nas suas vidas.

O segundo tipo de relação é a dos mimo-dadores.

Neste modelo de relação os avós reconhecem que a disciplina é responsabilidade dos pais, guardando como sua função a de fornecedores de mimo, nem sempre com critério, alegando, inclusivamente, que têm o direito de *«estragar»* o neto tal o desejo de querer dar, porventura indiscriminadamente.

É neste contexto que se insere a circunstância conhecida dos avós anteciparem os desejos oferecendo presentes que ainda não foram sonhados.

O terceiro tipo é o da relação envolvente.

Nesta relação é frequente os avós viverem na mesma casa com os netos num envolvimento trigeracional, havendo, frequentemente, responsabilidades directas nos cuidados e educação dos netos. Poderá, no entanto, em certos casos, não haver essas responsabilidades mas o avô ou avó vê com frequência o neto ou neta, decorrendo desse envolvimento um vínculo muito forte com dependências relacionais inequívocas.

Num quarto tipo de relação, os avós são, fundamentalmente, parceiros de brincadeira. Nesta variante, os avós estão predominantemente envolvidos em parcerias de jogos e tempos livres sendo, por assim dizer, companheiros preferenciais de actividades de prazer, sem outros grandes envolvimentos na vida quotidiana.

Todos sabemos que esta divisão não é rígida e que haverá contextos intermédios em que cada avô ou avó se pode sentir situado.

De qualquer modo, na maior parte das estatísticas, os mimo-dadores ocupam, em geral, uma percentagem acima dos 50% mas haverá sempre que ter em atenção o controlo doutras variáveis, fundamentalmente as que dizem respeito à idade e ao sexo.

As avós têm maior tendência para ter uma relação envolvente ou de mimo-dadoras mas, tanto num sexo como noutro, os avós com mais de 70 anos

tendem a ter uma relação mais remota a que, em geral, estão associados factores de saúde.

Por outro lado, a cultura e a condição social são duas outras variáveis influentes no modo de *«avósar»*, que muitos autores situam num desafio dinâmico que se situa entre a ajuda e a interferência.

Nas classes sócio-económicas mais desfavorecidas as avós têm um papel mais interveniente como cuidadoras e educadoras dos seus netos, tanto porque vivem mais frequentemente em ambientes multigeracionais como porque existem razões económicas a exigirem este tipo de envolvimento.

Nas culturas africanas, hispano-americanas e asiáticas, as avós, de um modo geral, exercem um papel fundamental como agentes pessoais de educação e é patente uma relação estreita de envolvimento multifacetado.

Dir-se-á que é na medida que se vai *ocidentalizando* a civilização que se vão somando os factores que, de uma maneira ou outra, potenciam a tendência para as relações mais remotas entre avós e netos.

As consequências desta tendência socio-cultural estão longe de estar estudadas mas apontam para a necessidade de uma reflexão tão profunda quanto urgente por parte de todos, especialmente dos agentes de cuidados antecipatórios tanto de Educação como de Saúde.

Qualquer que seja o tipo de envolvimento de um avô ou de uma avó o que é inequívoco é a enorme satisfação e orgulho que está envolvido no *«avósar»* qualquer que seja o tipo da relação efectiva.

O neto ou neta representa para cada avô ou avó um sentido de vida, um sentido de coerência que os torna, de certo modo, imortais e que efectivamente os faz sentir continuados, muito para além da sua morte.

Esta fantasia da imortalidade que é padrão do sentido de coerência na vida de cada avô é, por sua vez, padrão de identidade na vida de todos nós.

O desenvolvimento da nossa identidade, direi da nossa resiliência, de uma maneira ou de outra, vai buscar vivências, recordações, enfim, saudade na imagem que guardamos dos nossos avós e é com essas representações que nos tornamos auto-estimados e competentes, nomeadamente no modo como, ao longo do ciclo de vida, construímos as nossas sucessivas novas relações.

Algumas culturas acrescentam à tipificação referida, o grupo dos «avós especialistas». Estes avós caracterizam-se pela sua origem – classes média e superior – e auto-atribuem-se responsabilidades muito específicas tais como o acompanhamento escolar ou de actividades específicas dos tempos livres dos netos configurando uma espécie de atitude do tipo clube.

Nestas experiências, o avô recria o tempo porventura não vivido com os filhos entrosando um ou mais netos em vivências partilhadas.

Constitui um clube em que são «sócios» a minha filha e um dos meus netos (filho de outro filho) agora com dez anos. O Clube chama-se «A cambada» e faz, de vez em quando, viagens culturais de descoberta do mundo…

Qualquer que seja a tipologia, há um destaque fundamental a fazer que diz respeito à guarda dos netos.

É aqui que assume um significado crucial a avó.

Todos os autores estão de acordo no sublinhar da matrilinearidade das relações intergeracionais.

A aquisição do conhecimento é muito mediada pela avó…

As avós de guarda, designadamente substitutas educativas cruzam, hoje, todas as classes sociais.

Entre outros determinantes é a inserção da mulher no mercado de trabalho que condiciona a intervenção das avós.

Números de 1999 (em Portugal) anunciam uma taxa de participação feminina no trabalho activo de 80% para as mulheres com idades compreendidas entre os 25 e os 45 anos.

Porventura ainda mais significativo que este indicador é o facto de que a maioria destas mulheres trabalha a tempo inteiro dada a taxa diminuta de trabalho parcial feminino em Portugal.

Por outro lado, apesar da mudança significativa no que se refere a crianças que frequentam serviços com educação pré-escolar (entre 1989 e 2002) a cobertura média continental nestes serviços de educação ronda agora os 73%.

65% das mães inquiridas no estudo realizado por alunos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e do Emprego recorreu às avós para cuidar ou acompanhar as suas crianças (em 30% dos casos algumas vezes, em 19% muitas vezes e em 16% sempre).

Estes números condizem com os resultados de outro inquérito realizado na União Europeia que reporta o recurso a avós (ou amas) em 40% das famílias, para cuidar temporariamente de crianças entre os 3 e os 5 anos.

Este recurso ultrapassa, em muito, o espectro da guarda tradicional. Os estudos feitos mostram que as avós vão ao médico com os netos, vão às reuniões escolares, passeiam e, sobretudo, brincam.

A guarda passou a ser uma necessidade social e é a partir dela que ressurge o cultural, antropologicamente assumido como um autêntico reservatório moral com efeitos que só as novas gerações poderão, com sabedoria, um dia, ajuizar.

Tal como uma investigação sobre os vínculos, em que sempre foi mais fácil e tentador estudar a relação mãe-filho, os estudos sobre os avôs (masculinos) são muito mais raros e inconclusivos.

São, porventura, significativas, as expressões da «marca» transgeracional que os avós garantem, na continuidade temporal.

Passei horas da minha meninice a ajudar a fazer as «manobras» de mudar vagões de uma linha para a outra, puxados pelas máquinas de vapor, na estação de caminho de ferro perto da nossa casa, na Beira.

Os meus trisavós já tinham a paixão dos comboios.

Na nossa família, todas as vezes que íamos à terra, o primeiro local obrigatório para os meus filhos e depois para os meus netos era a estação. Hoje, mesmo quando eu não estou, são os meus netos que pedem aos pais para irem à estação onde, habitualmente, esperam pela passagem de mais um combóio…

As influências culturais, neste particular, são extremamente significativas.

Deixem-me contar-vos uma história verídica por mim partilhada nos confins africanos.

Há anos que já não conto, no limiar fronteiriço entre o «mato» e a savana da Guiné, lembro-me que num daqueles mágicos pôr-do-sol que só a África nos oferece, eu tive uma das muitas lições de vida nas conversas intermináveis que tinha com o Saido, enfermeiro por designação, filósofo por natureza e homem puro por dom de Deus.

Aprendi fula para poder comunicar melhor com os doentes que faziam filas de perder de vista em cada manhã de Pirada ou Cuntima mas, sobretudo, eu não queria perder os detalhes e os cambiantes das reflexões do Saido que o meu português crioulo de improviso não permitia abarcar.

Saido vivia numa tabanca perto da bolanha.

No seu agregado familiar, de regime poligâmico, reinava uma paz de partilha, de bom senso, de coerência. Foi neste ambiente que Saido se tornou avô.

– «Oh Saido, como é isso de ser avô?» – perguntei-lhe eu naquela tarde poente de infinito.

O Saido contou-me então que ser avô era bom e que já tinha feito o seu primeiro papel de avô.

Saido pegou no seu neto, bebé recém-nascido de poucos dias e levou-o ao cimo de um pequeno monte do outro lado da bolanha.

Lá do cimo podia, de facto, dominar-se o infinito.

Contou-me ele – «Levantei o meu neto bem alto e mostrei-lhe o mundo de volta».

– «Oh Saido, porque é que mostraste o mundo à volta ao teu neto?»

– «Porque se ele sentir que tem o mundo à volta, o mundo é dele…»

Quase quarenta anos depois, recordando aquela resposta sábia de Saido, percebi para que servem os avós.

Revisito depois, cada dia, esta mensagem, quando assisto à descoberta de cada bebé recém-nascido pelo seu avô.

É claro que cada avô é um avô ou uma avó diferente.

É claro também que se sabe muito pouco sobre a psico-sociologia do *avósar* sendo porventura polémica a discussão sobre as razões da lacuna da investigação sobre os avós, nestes últimos anos. Será, sobretudo, estranho, este vazio quando se publicam milhares de estudos sobre os múltiplos determinantes do desenvolvimento em função dos respectivos efeitos no comportamento e vida das crianças e jovens.

Mais intrigante será ainda a constatação do relativo vazio científico nesta área quando confrontados com a viragem cada vez maior da atenção científica sobre a dinâmica do ciclo da vida. Tudo isto nos faz questionar, hoje, a propósito dos avós, os efeitos recíprocos – criança/avô – em função de cada fase e de cada destino.

Na senda da teoria da vinculação, os avós são quem ajuda a construir relações mais seguras, no período sensível em que se constrói ou não a família.

Ainsworth descreveu três tipos de bebés (A, B e C), de acordo com as suas reacções quando do reencontro com as suas mães após uma separação experimental vivida em laboratório.

Os bebés B assumidos como tendo uma vinculação segura ou de confiança (na menção Ericksoniana) contrastam com os bebés ambivalentes (C) ou evitadores (A). Temos algumas evidências no nosso estudo que os avós contribuem para a confiança nos critérios classificativos clássicos da vinculação.

De um modo geral, diz-se e escreve-se que os avós são quem fornece à criança as tradições, os exemplos e os valores.

Talvez mais do que isso, são quem nos mostra, do cimo de um qualquer monte, o mundo à volta.

É a partir daí que começamos a acreditar que o mundo pode ser nosso.

A lição de Saido decerto que ficou guardada nos seus netos tanto como ficou guardada em mim.

A relação que na nossa cultura nós, avós, temos com os nossos netos é, todavia, não só a que queremos ter, mas, sobretudo, a que nos deixam ter.

Qualquer que ela seja, porém, não deixará de nos dar hipótese de, em qualquer momento, podermos subir com o nosso neto ao cimo de um qualquer monte.

O *avósar* afinal é tudo o que se quiser ou puder mas é, sobretudo, tornar cada criança principezinho do seu mundo que lhe foi mostrado como seu, lá bem do alto, onde os olhos do seu avô desfrutam o enorme horizonte da esperança.

Deixem-me voltar ao Tomás. Comecei esta minha conversa de hoje contando-vos o meu jogo do cucu com o Tomás em que a lua foi o substituto da cara – a minha e a do Tomás – na magia do fazer aparecer/desaparecer algo que é decisivo para a construção da consciência do eu, em cada um de nós.

O jogo do cucu é, no ciclo de vida, na paisagem sucessivamente transformada do desenvolvimento, a segunda vivência mágica do brincar.

A primeira é a da descoberta do outro nas primeiras experiências interactivas do bebé.

Deixarei no ar a pergunta feita a cada um de vós de qual é a terceira grande vivência do brincar na nossa vida.

Em termos de mapa emocional da vida da criança, o tema que me foi dado dava-me para ficar aqui toda a manhã, toda a tarde, toda a noite falando sobre o

avósar, sobre o brincar, sobre o papel dos avós num novo século – o séc. XXI – onde os nossos netos nos vão continuar, desejadamente cheios de muitas coisas partilhadas, coisas estas que vão inspirar a sua e a nossa própria transcendência.

O jogo do cucu deu ao Tomás a magia de controlar o que esteve, um dia, à sua volta; é esta espécie de conquista de experiências de poder, conquista essa reforçada incessantemente na aprendizagem das emoções o que o bebé vai sentindo e percepcionando, construindo, assim, a imagem do seu mundo, do seu século, da sua coerência.

O jogo que o Tomás fez comigo é um brincar ao cucu, porventura diferente do habitual, diria até um cucu complexo. A cara de cada um dos parceiros do jogo foi transferida para a lua e a mão ou o pano que taparia a cara foi substituído pelas nuvens.

Porém, na paisagem subjectiva do bebé, na magia da procura subjectiva do eu, no jogo do controlo do que queremos porque desejado, esta etapa essencial do brincar mostra-nos a força do que é poder porque é também direito.

«Avu, não há lua!» e depois *«Avu, há, há!»* representa o exercício dum saber antecipatório que algo do que nós gostamos muito – a lua – vai desaparecer sabendo, de antemão, que ela vai voltar a aparecer por força duma ordem que nos faz também existir. O que o Tomás fez, brincando, foi transformar em magia algo que já fazia parte do seu real. Fazer o objectivo passar por instantes a subjectivo exercita, de facto, a transcendência.

Avósar é o nosso caminho para a transcendência.

Creio, porém, que só assumimos a coerência do sentimento de nós quando temos um neto ou uma neta perto de nós que nos faz pensar, ou melhor, sentir a lua.

Através dela, lua, passamos a ser mágicos e é por aí que nos cumprimos na transcendência. E ela, a transcendência, está para além dos séculos.

Gostei de ter avósado, nesta leitura, convosco.

Porque é, também, no avósar, que voltamos a ser crianças e esta é a magia que vale o nosso infinito.

Bibliografia

[1] Weissbourd, B. (1996), «There Will Always be Lullabies», *Zero to Three,* 16, (4).

[2] Piaget, J. (1952), *The origin of intelligence in children*, Margaret Cook (trans.), Int. Univ. Press, New York.

[3] Bronfenbrenner, U. (1995), «The bioecological model from a life course perspective: reflexions of a participant observer», *in* Moen, P., Elder, G. H. and Lüscher, K. (eds.), A.P.A. Washington.

[4] Locke, J. (1999), *Ensaio sobre o entendimento humano*, Vol. I e II. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.